

RICHARD L. JACKSON: *Black Literature and Humanism in Latin America*.  
Athens, Georgia: The University of Georgia Press, 1988

Quando o escritor peruano José Maria Arguedas se suicidou, em 2 de dezembro de 1969, sua morte veio a configurar e representar o dilema do escritor latino americano e suas possíveis consequências. De um lado, o escritor tem que lidar com o fato da literatura como fenômeno humano, e portanto universal, e por outro lado ele tem que encarar de frente a sua específica colocação dentro deste fenômeno como cidadão vivendo numa sociedade historicamente dependente e historicamente circunscrita pelos parâmetros a ela impostos inicialmente pelos países mãe (Espanha e Portugal), e depois pelos padrões demarcados por uma estética centralizada em cortes europeus. De cada uma dessas instâncias externas surgem pressões e contradições que, unidas às pressões e contradições interiores e particulares a cada país, acabam por transformar a tarefa do escritor latino americano bastante árdua e por vezes quase impossível de enfrentar. O suicídio de Arguedas é um exemplo do que estas pressões podem ocasionar.

Dentro das específicas dificuldades internas e próprias a cada país, temos a questão das diferentes raças e da tentativa de sua representação. Aqui já não falamos da sua representação política, mas meramente da sua representação literária. Em uma sociedade em que apesar da realidade da presença de brancos, negros e índios na formação da sua população, não houve a representatividade de todas essas três raças em porções adequadas ao número de indivíduos e à contribuição histórica e social de cada uma destas parcelas, pressões para o direito de se auto-representar teriam que surgir fatalmente. O índio, subjugado e quase completamente dizimado desde o início da colonização, e o negro, trazido da África e mantido debaixo de humilhante escravatura até o século XIX (basta lembrar que no Brasil os escravos só foram libertos em 1888), tiveram que manter sua integridade física e sua identidade cultural com grandes sacrifícios. Numa sociedade em que os padrões brancos de beleza, e os europeus de cultura eram considerados os únicos aceitáveis, essas duas raças por muito tempo tiveram que manter sua riqueza cultural abafada de diversas maneiras. Entretanto, no início do século vinte, a América Latina viu surgir movimentos artísticos que visavam dar voz a essas "minorias", a esses grupos "não-brancos."

O livro *Black Literature and Humanism in Latin America* tenta dar uma visão histórica geral do movimento *Afrocriollo* que, segundo o professor Jackson, representa o primeiro passo na tentativa de dar voz aos negros da América Latina. O livro está dividido em sete capítulos, os quais tratam da questão da autenticidade, do heroísmo negro, do entrelaçamento político entre os movimentos negros e a identidade latino americana, e no final, trata da tentativa de se depreender uma poética humana através da poética negra.

O movimento *Afrocriollo*, segundo Jackson, está colocado dentro de uma discussão mais ampla da literatura latino americana —o debate entre os partidários da *novela mundonovista* e os defensores da novela como expressão de uma sensibilidade universal. Os mundonovistas pugnam por uma expressividade latino americana *desde dentro*, com padrões forjados na realidade latino americana, com o caráter latino americano. Neste debate entre os dois polos, muitas vezes as posições de cada um se recrudescem: os “universalistas” são acusados de usarem a literatura apenas como jogo, sem relações com o mundo latino americano, enquanto que os defensores da novela “mundonovista” são chamados de atrasados e interessados num primitivismo que os coloca à parte dos movimentos literários mundiais.

O movimento *Afrocriollo*, subdividido entre *negrismo* e *negritud*, foi iniciado nos anos 20, e é um fenômeno cujas origens remontam a vários fatores, os quais, segundo Jackson, ainda não foram devidamente historiados e compreendidos. “Em geral”, diz ele, “sabemos que o movimento se desenvolveu superficialmente e externamente por parte de autores não negros e sua produção veio a chamar-se poesia e prosa *negrista*, e [o movimento] se desenvolveu de uma maneira mais profundamente engajada por parte de autores negros que escreveram *negritud* ou negro autêntico”(21). A prosa e poesia *negrista*, ainda de acordo com Jackson, podem ter começado por uma influência européia, datada do interesse de artistas como Leo Frobenius, Pablo Picasso, André Gide, Igor Stravinsky. O *negrismo* poético em Porto Rico e em Cuba tiveram algo em comum com a moda européia e norte americana do interesse pelo primitivo, o africano e o afro-americano na arte, música e literatura dos anos 20. Entretanto, avisa Jackson, “a aproximação exótica em Cuba e Porto Rico, embora refletindo fascinação com a presença negra, esteve temperada com a realidade e proximidade sempre ameaçadora daquela presença que inspirava sentimentos que iam desde nojo racista à inveja.”(21) O movimento *negritud*, por sua vez, é a representação do negro de dentro, sem preocupações com modismos e gostos europeus.

*Black Literature and Humanism in Latin America* é, em poucas palavras, um livro fascinante. Para qualquer conhecedor da problemática da realidade multi-racial, multi-nacional, multi-cultural da América Latina, este livro incorpora um sem número de paradoxos que estão presentes na nossa vida diária. Não há que se negar, por exemplo, o grau e a extensão do sofrimento do negro na colonização do continente; nem há que se negar as pressões por ele sofridas inicialmente para manter viva a sua identidade cultural, e mais tarde, quando lhe foi dada a cidadania que o seu sacrifício há muito o fizera merecedor, para recuperar essa cultura sem deixar que ela fosse influída por modismos e mercado. Entretanto, como sabemos que a cultura, e neste caso, a literatura, está longe de ser um produto inocente e apolítico, a expressão do negro na literatura latino americana veio fatalmente eivada de contradições e pontos obscuros. O rechaçamento do movimento de *negrismo* por alguns autores, as

acusações se entrecruzando e as discussões sobre quem teria o direito, e quem representaria melhor os negros, sinalizam essas contradições. Acredito que o professor Jackson historia muito bem essa luta e, naturalmente, ele toma partido de um lado.

·Ele diz, por exemplo, que o primeiro livro de Alejo Carpentier, *Ecué Yambá O<sub>1</sub>*, é um exemplo de *negrismo*, e que o autor não conseguiu “entrar dentro” da experiência negra, que o livro é um “documentário falso e nativístico”(25) escrito no ápice do primitivismo, e finalmente que o livro propaga uma imagem racista, negativa e estereotipada de negros cubanos e haitianos. Segundo Jackson, essas foram as razões que levaram Carpentier a rejeitar o romance e retirá-lo de circulação, embora em 1979 ele houvesse permitido a sua re-publicação. E Jackson comenta: “E por que não (republicar) já que o seu racismo não parece haver detido sua popularidade entre os críticos”(25).

Mais adiante no livro, Jackson discute a questão de quem tem o direito de representar a América Latina. A discussão torna-se particularmente confusa quando diz que só os negros podem representar os negros, e que, além do mais, os negros podem representar a América Latina, já que a experiência deles na América Latina é paradigmática do sofrimento, suor e lágrimas gastos na povoação daquela terra. O problema com que se desparram os movimentos negros, sejam eles *negrismo* ou *negritud*, é de como retomar as diferentes manifestações culturais de cor, quando elas já vêm marcadas como símbolo de nacionalidade, ou, nesse caso, como símbolo de latino-americanidade. No momento em que os negros se definem como latino-americanos, o processo de ressignificação cultural fica problemático, isto é, a partir do momento em que *negro* equivale a *latino americano*, a especificidade negra se dilui na expansão do símbolo incorporador de uma identidade maior, mais abrangente. Ele também diz que o movimento de *negritud*, com sua autenticidade de representação da situação do negro, pode representar a humanidade. Essa questão de quem pode representar quem pode cair em uma posição que na crítica tem sido chamada de essencialista. Parece certo que, para ele, qualquer pessoa, por mais “bem intencionada” que seja, *não pode* representar a voz do negro, se não for negra. Creio que qualquer grupo “minoritário” (ou talvez seja melhor dizer “sob ameaça de aniquilamento”) deve, tem que, manter-se alerta, em defesa, mas também tem que cuidar para não entrar em paranóia.

Qualquer movimento visando dar voz e vez a qualquer grupo oprimido deve merecer admiração, apoio, ajuda. Também creio que artistas como Guillén, Carpentier, Obeso, Lugones, Truque, e outros, são uma extraordinária adição às letras latino americanas. Só não creio e não posso concordar em que somente um negro pode fazer justiça à experiência negra, e que só a experiência negra seja paradigmática da América Latina. A própria terminologia, aqui, deve ser melhor explicada, já que, pelo menos em termos de Brasil, os mulatos, embora de descendência negra, não são considerados negros. Quem representaria os mulatos, então? E quem representaria os outros mestiços? Ou eles não

precisam ser representados, já que a experiência negra por si só basta para representar a todos?

A César o que é de César, a nós, latino americanos formados com o caldeamento das três raças, o que é nosso —o nosso patrimônio comum de sofrimento, de esforço, de brutalidade e injustiça também, mas a nossa inegável pluralidade racial e cultural que não pode ser representada por um só grupo, pela razão pura e simples que tal complexidade não cabe numa representação “paradigmática”. O ideal de uma “alegoria nacional”, assim como o de uma “alegoria latino americana” traz em si as sementes da simplificação e do reducionismo.

Lógicamente, esses problemas não invalidam o livro de Richard L. Jackson. Pelo contrário —eles o tornam um ainda mais válido e rico documento da problemática interna não só da literatura, mas também da sociedade latino americana. *Black Literature and Humanism in Latin America* é um livro imperdível, e eu o recomendo não só aos aficionados de literatura mas também a qualquer interessado em aprender mais sobre a América Latina.

*University of Pittsburgh*

EVA PAULINO BUENO

ROBERT E. DIANTONIO: *Brazilian Fiction; Aspects and Evolution of the Contemporary Narrative*. Fayetteville: The University of Arkansas Press, 1989.

No universo da chamada literatura hispânica, como ela é divulgada nos Estados Unidos, é sempre um fato digno de nota a publicação de um livro sobre a literatura brasileira. O nome que em geral vem à tona, quando o assunto de literatura latino-americana é mencionado, é sempre García Marquez. Vez que outra algum trabalho novo e instigador aparece, mas na maior parte das vezes é sobre a literatura de língua espanhola. O livro de Roberto DiAntonio é, portanto, muito bem-vindo, já que é sobre a literatura brasileira, e além disso, sobre literatura brasileira contemporânea.

O livro, escrito em inglês, tem transcrição de textos dos originais portugueses, e seus estudos se destinam a “representar a diversidade e a vitalidade de um importante segmento da ficção brasileira contemporânea”, e “a chamar a atenção do leitor de hoje para um importante período da história literária brasileira”. Esta é uma proposição interessante, e, como já dissemos, necessária dentro da situação das “letras hispânicas” nos Estados Unidos. Entretanto, sempre que há um tal esforço de traduzir artefatos culturais de um lado para o outro, problemas de ordem política e ideológica podem aparecer. Neste livro,